

Como o impacto do colonialismo nos leva a autonegação dos nossos corpos e da nossa cultura africana?

João Nanfuna*

ORCID iD

<https://orcid.org/0009-0003-9087-7403>

“Pequenos detalhes podem atrapalhar realização de grandes projetos”

Nota biográfica do autor: guineense, graduado em bacharel Interdisciplinar em Humanidades, Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira(Unilab), tutor de programa pulsar, membro de grupo de pesquisa: Relações Internacional Africana. Representante efetivo dos discentes no colegiado de Ciências Súcias, formando na capacitação da liderança negra no Ceert-prosseguir.

A nossa viagem da reflexão neste texto remete a um olhar contundente sobre as condições alienantes em que negros e negras estão submersos. O modo de viver como civilizados qualificara nossos delírios impostas por meio de uma campanha violenta e bárbara: a colonização. Alguns autores como Frantz Fanon (2008), Kabengele Munanga (2019) Walter Rodney (1975) e Cheik Anta Diop (2012) podem-nos fornecer uma compreensão mais robusta e aprofundada nessa jornada.

Torna-se evidente que o negro é um ser humano alienado pela figura do branco devido as consequências históricas de relações desproporcionais forjados por colonizadores. O negro procura falar, vestir, comer e ostentar nos moldes do padrão europeu. Porém seria desprimoroso desconsiderar os fatores condicionantes que colocam os pretos e pretas nesse dilema infernal.

Walter Rodney, o proeminente historiador, ativista político e acadêmico guianense, nos brinda com a sua célebre obra intitulada "Como a Europa sub-desenvolveu a África". Nessa pesquisa, o autor mostrou que antes de 1500 (chegada da primeira tripulação dos europeus no continente africano), os povos dessa região tinham ciência sobre a organização da sociedade, extração e transformação de ouro, também a tecnologia era usada na agricultura e com larga experiência no comércio transcontinental.

Vale frisar que, a primeira carta sobre os Direitos Humanos foi escrita por um dos líderes negros " Sundiata Keita", o Imperador Maliano (1312 - 1337), além do continente

* Graduado em Bacharel Interdisciplinar em Humanidades e Licenciando em Ciências Sociais, E-mail: .nanfuna2020@gmail.com>

sediar a primeira Universidade do Mundo reconhecida pelo UNESCO, Al-Karaouine com fundação em 859. Ao contrário do que vimos nos livros da história que considera como primeira a Universidade de Bolonha" erguida em 1088.

O colonialismo é um mal, um cancro na vida social e psíquica do povo africano. Ele coloca o negro a negar sua tradição, sua cor de pele e sua essência em detrimento do modo de vida ocidental. Hoje, os discursos da juventude negra e seus comentários nas redes sociais demonstram o quanto estão alienados. Há poucas semanas, assisti um programa numa das TVs brasileira, no qual uma menina falou categoricamente que não gosta da sua cor de pele, além do comentário de um jovem negro que dizia: " sem os brancos, os pretos ficariam nas suas tradições idolatras e arcaicos".

Parafraseando o Kabengele Munanga, o jovem negro precisa aprender a língua do colonizador para ter o reconhecimento dos seus colegas como sendo um grande estudioso, ou para ser admirado, ele deve casar-se com uma loura branca como a realidade nos mostra sobre os futebolistas negros. A observação de Munanga pode ser contestada, mas é realista a luz de um raciocínio lógico.

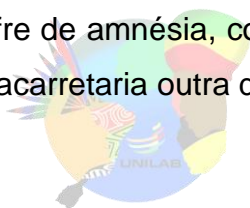
Os negros autodeclarados "civilizados" vivem confusos e de utopia. Idealizando a vida branca, a cultura do seu opressor. Os pais não querem colocar os nomes africano aos seus filhos e filhas ou lhes ensinarem suas línguas étnicas. As meninas negras procuram padronizar-se a todo custo, ou seja, ter a performance das brancas. Frantz Fanon no seu Livro "Pele Negra e Mascaras Brancas" enfatizou que o negro só tornará conscientemente Negro a partir do momento em que percebe que o mundo onde está inserido não é dele e nem foi feito por ele.

Indubitavelmente, as mazelas do colonialismo nos remetem a pensar os efeitos da religião e subsequentemente a educação que eram propagados por diversos lugares, pois sem esses capetas, o colonialismo não teria força ou durabilidade. A igreja servia para moldar os corações e a educação para interpor a ideologia. Relata-se dois casos que provavelmente são movidos pela religião, no Quênia, um líder da igreja Internacional das Boas Novas foi acusado em 2023 de incentivar o jejum extremo aos fiéis, levando a morte por fome de 58 pessoas, porque estes acreditavam que iriam para o Céu se jejuarem por longas horas ou dias.

Outro episódio aconteceu recentemente na Guiné-Bissau, no qual uma "Baloba" (lugar ritualístico ou sagrado) foi incendiado pelas pessoas não identificadas - poderia ser os fanáticos religiosos - sem esquecer de mencionar as inúmeras práticas cometidas por

CERTOS extremistas “muçulmanos” contra os praticantes de religiões tradicionais locais, chamados de animistas. Esses casos merecem uma maior atenção por parte do Estado. Ora, do ponto de vista teológico e histórico, o Senhor não criou nenhuma religião ao ponto de ser intolerante. Terminando essa curta viagem, convido jovens negros e negras a refletirem sobre os impactos do colonialismo, um projeto que visa essencialmente idealizar a figura de um ser negro alienado e desprovido da sua cultura, um jovem negro alimentado da ideologia para negar a si mesmo, porém é preciso uma volta aos nossos costumes como simboliza o diagrama africano " Sankofa".

Vários intelectuais lutavam para essa volta, agora é a nossa vez, Deus não equivocou quando tinha a ideia de nos criar diferente, pois, ele é onisciente. Nas observações de Munanga, "A natureza deu ao homem apenas a sensibilidade física, o resto é produto de sua vida social". Pois nada, a não ser pela afirmação cultural e questões econômicas coloca o homem na luta constante de dominar o outro. Portanto, não minimize sua língua, seu vestuário e seus nomes, uma vez que eles carregam traços indelével do seu povo. Vangloriar demasiadamente a língua do colonizador e desvalorizar a sua, é para quem sofre de amnésia, com exceção de Amílcar Cabral, dado que sua perspectiva sobre a língua acarretaria outra discussão.



Referência

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira . Salvador : EDUFBA, 2008.

Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024

Para citar este texto (ABNT): NAFUNA, João. Como o impacto do colonialismo nos leva a autonegação dos nossos corpos e das nossas cultura africana? *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 1, p.337-339, jan.-abr. 2024.

Para citar este texto (APA): Nafuna, João. (jan.-abr. 2024). Como o impacto do colonialismo nos leva a autonegação dos nossos corpos e das nossas cultura africana? *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 337-339.